

HENRIQUETA EMÍLIA DA CONCEIÇÃO: DUALIDADES HISTÓRICAS E LITERÁRIAS DE UMA MERETRIX (1845-1874)

CIDÁLIA DINIS
FRANCISCO MIGUEL ARAÚJO*

Resumo: «Perversa», «rameira», «calculista», «hermafrodita», «demente» são alguns dos qualificativos que se atribuem a Henriqueta Emília da Conceição e Sousa (1845-1874). De prostituta estimada e temida a heroína no crime e no amor no decurso das vivências do Porto Romântico, muitas são as dúvidas e incertezas sobre a sua vida e que a imortalizaram após a morte, singular exemplo de uma mulher que enfrentou preconceitos e lutou contra as adversidades de uma sociedade marginalizante. Revisitando esta figura extravagante e sedutora em pormenores inéditos, partimos do seu esboço biográfico para a sua transfiguração em personagem literária, percorrendo as dualidades na conceção dos quadros mentais e culturais oitocentistas, salientando uma história de vida escrita no feminino.

Palavras-chave: Prostituição; História de Vida; Literatura de Terror; Século XIX.

Abstract: «Devilish», «whore», «vicious», «hermaphrodite», «bizarre» these are some adjectives that bring to mind Henriqueta Emília da Conceição e Sousa (1845-1874). From an appealing and frightening prostitute to a heroin in crime and love in Oporto throughout the 19th century, many doubts and mistrusts still remain about her life. Immortalized after death, mainly due to an extravagant way of living and a morbid transgression, she is a singular example of a woman facing prejudice in a marginalizing society. Retrieving unprecedented details about this seductive personality, we go along from her biographical essay to her forthcoming as a literary character, analyzing the historical and cultural dualities that highlight the complexity of a woman's life in those times.

Keywords: Prostitution; Life Story; Horror Literature; 19th Century.

[...] Porque os lábios da mulher imoral destilam mel; sua voz é mais suave que o azeite, mas no final é amarga como fel, afiada como uma espada de dois gumes. Os seus pés descem para a morte; os seus passos conduzem diretamente para a sepultura. Ela nem percebe que anda por caminhos tortuosos, e não enxerga a vereda da vida. E agora, filhos, ouvi-me, e não se afastem das palavras da minha boca. Afasta para longe dela o teu caminho, e não te aproximes da porta da sua casa¹.

A prostituição agride, corrompe, corrói as entranhas da moral... É a representação da sociedade noturna boémia, marcada pelo desnudamento dos afetos humanos, pela emergência da «femme fatale» na sociedade burguesa e cânones literários do século XIX. Na abordagem realística dos problemas sociais nos romances vitorianos, tanto ingleses como franceses, a figura da prostituta ganha contornos de relevo, retratada como uma figura

* Investigadores do CITCEM.

¹ *Provérbios* 5: 3-8.



Legenda: Henriqueta Emília da Conceição e Sousa (desenho de Manuel Macedo para a capa do romance de A. J. Duarte Junior). Fonte: DUARTE JÚNIOR, 1877.

perigosa, noturna, bela, sedutora, verdadeiro primado do instinto sobre a razão e, portanto, uma clara ameaça para a civilização. Como contraponto à heroína frágil, delicada e pura que aniquila a sua vida pela perda do amor e da dignidade, a «mulher fatal» destaca-se pela ousadia e a extravagância, por um instinto sexual indomável, selvagem, insaciável que monopoliza e emaranha nas suas teias o homem culto ou financeiramente enriquecido.

Das ficcionadas Marguerite Gautier em *A Dama das Camélias* de Alexandre Dumas filho (1848) ou Nana Coupeau em *Nana* de Émile Zola (1880), a figura da cortesã povoa o imaginário dos escritores e artistas oitocentistas, arquétipos de uma realidade feminina obscura e censurável daquelas que se votaram e se venderam aos prazeres da carne, que se deixaram corromper pelos prazeres, vícios e dinheiro. Em flagrantes paradoxos quanto à realidade do próprio fenómeno da prostituição entre a dupla condenação moral e religiosa do conservadorismo burguês, a preocupação cívica na sua regulamentação por motivos higiénicos e profiláticos ou a ambiguidade nas sociabilidades firmadas com as elites triunfantes, por vezes suplantando o estigma dessa condição malfadada pelos seus atributos físicos e espirituais para um acolhimento nos salões familiares e espaços públicos.

Na sociedade romântica portuguesa de então, dois exemplos verídicos da «mulher perdida» ficaram matizados no ideário coletivo: Maria Severa Onofriana e Henriqueta Emília da Conceição e Sousa, duas meretrizes que, distintas e populares em vida, lograram a imortalidade nas páginas de romances e nos palcos dos teatros. A primeira pelos encantos na interpretação do Fado e o prestígio pela relação com o conde de Vimioso na

capital, a segunda no Porto pelas suas incursões pelas franjas da delinquência e o escândalo público perante um chocante crime de profanação de Teresa Maria de Jesus... Será esta última que pretendemos visitar numa dupla aceção histórica e literária, entrosando e distinguindo os factos reais dos inverosímeis na construção da história da sua vida, de uma trajetória individual que não deixa de ser um cruel retrato de outras tantas mulheres da época enredadas nas teias da prostituição.

Na transversalidade entre a História e a Literatura exploraremos as particularidades inéditas que mantêm a relevância de uma figura sedutora como esta da célebre Henriqueta Emília da Conceição, enquadrada no seu ambiente social, mental e cultural e na sua transfiguração em protagonista literária, nomeadamente no género do terror, por diversos autores portugueses. Um «outro» de um mundo feminino à margem dos convencionalismos sociais, pautado por conceitos como a sexualidade, a criminalidade, a voluptuosidade ou a transgressão; de mulheres capazes de manipular e jogar com os sentimentos, desejos e aspirações dos mesmos homens que defendiam a submissão e inferioridade das suas semelhantes!

1. HENRIQUETA EMÍLIA DA CONCEIÇÃO E SOUSA: A PERSONAGEM HISTÓRICA

O espaço consagrado ao género feminino na historiografia até ao século transato sempre foi suficientemente lacónico sobre o seu legado ao longo dos tempos. Se, por um lado, sempre se privilegiou a figura de mulheres que souberam contornar com sucesso as resistências sociais e mentais das suas épocas, por outro houve sempre uma certa apetência para destacar todas aquelas que fugiam a esses cânones e espelhavam exemplos de ousadia, imoralidade e delinquência. Se as primeiras eram exaltadas por feitos que as tendiam a elevar perante a pretensa inferioridade do seu sexo, as restantes evidenciavam-se como exemplos altamente censuráveis do tipo ideal projetado para esse mesmo universo, logo atrativos para qualquer opinião pública.

Confrontados com o caso de uma mulher vinda das raias miúdas do povo, percorrendo os caminhos da prostituição e do crime, como este de Henriqueta Emília da Conceição e Sousa no Porto oitocentista, naturalmente que não abundam as referências documentais para uma reconstituição biográfica fiel². Acresce-se uma outra condicionante quanto ao mistério da sua vida, convertida em figura literária pouco tempo após falecer, as opiniões abalizadas que descrevem a sua história de vida fundamentam-se numa con-

² O universo das fontes documentais sobre a prostituição no Porto oitocentista revela-se extremamente limitado, fruto das condicionantes do tempo que resultaram na sua dispersão e posterior aniquilamento. O certo é que em nenhum dos principais arquivos da cidade – Arquivo Distrital, Arquivo Histórico Municipal, Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto ou Museu Judiciário do Tribunal da Relação do Porto – consta a existência destes fundos específicos (administrativos, sanitários, judiciais, etc.), à parte alguma documentação parcelar e avulsa, que os mais recentes trabalhos historiográficos na área têm permitido sistematizar para outras localidades do país. Quanto às diversas fontes periódicas consultadas, suporte valioso neste esboço histórico, as notícias não deixam de refletir a sensibilidade de escrita de cada cronista e das linhas editoriais de cada publicação, nem sempre com um apurado grau de fiabilidade ou de veracidade quanto às informações recolhidas e publicadas.

vergência de ditos na tradição oral, de incertezas na memória coletiva, de deturpação dos factos históricos que nos afastam da realidade. Assim, após a publicação do romance que lhe dedicou António Joaquim Duarte Júnior, recheado de imprecisões e de floreios literários ao gosto romântico, foi na sua essência que se inspiraram todos os outros autores que a tentaram resgatar do esquecimento e acrescentaram novas interpretações ao longo dos anos, entrosadas entre a verdade e a ficção que se impõem finalmente descortinar.

A 2 de maio de 1845 na cidade do Porto, a abrantina Jacinta Rosária de Assunção de Sousa deu à luz uma filha natural que recebeu o nome de Henriqueta, aquando do batismo onze dias depois na Sé Catedral³. Sem indicação do nome de progenitor e pela condição de solteira da mãe, moradora na rua do Miradouro dessa freguesia, somente foram registados os nomes dos avós Manuel Francisco de Sousa e Maria da Conceição de Sousa, a par dos padrinhos João José Alves e Emília Rosa de Sousa. Enquanto ele assinou como testemunha habitual em outros tantos serviços religiosos da paróquia, já ela foi referenciada como sendo sua tia materna, resultando da junção deste último nome e dos apelidos familiares a denominação oficial com que a biografada surgirá documentada. Duarte Júnior identifica corretamente o nome da mãe e da avó à laia de introdução, escusando-se a indicar a data de nascimento que os restantes situam em 1840, citando ainda que o avô fora um soldado liberal morto nos primeiros ataques durante o Cerco do Porto e deixara a viúva com uma série de filhos pequenos por criar.

Quanto a Jacinta de Sousa, esta teria sido uma formosa serviçal, que depois de se ter envolvido numa relação amorosa furtiva e daí engravidado, entregou-se a uma vida de devassidão para morrer ainda jovem, numa alusão que sugere poder ter passado a subsistir como meretriz. A infância da filha desenha-se em elipses narrativas que tanto poderão ser fidedignas como fantasiadas. Diz-se que, órfã, foi recolhida no Asilo das Raparigas Abandonadas, saindo passando alguns anos à responsabilidade de uma parente que a empregou numa fábrica de fósforos no Fojo, em Gaia. Outros dizem que fora abandonada pelo pai, um empregado do Palácio de Cristal (que só fora inaugurado em 1865), vítima ainda em criança de uma violação que lhe teria marcado o destino, entregando-se também ela a uma vida de perdição de forma deliberada e sem complexos ou arrependimentos.

Todos alinham no princípio de que esta entrada na prostituição se deu quando teria 16 anos, afinal a idade legal para o exercício desse mister, desde 1853 regulamentado pelo Governo Civil do Porto, depois revisto e ampliado no tempo do visconde de Gouveia em 1860. Porém, essa escolha estaria longe de ser inocente, já que à data possuía licença para manter uma casa de prostitutas toleradas, na zona da Sé, uma tal de Emília Rosa da Assunção e Sousa, ou seja, a sua tia e madrinha⁴. Plausivelmente, Henriqueta ter-se-á matriculado no *Livro Geral de Matrícula das Toleradas*, cujo paradeiro se desconhece, avocando o estatuto de «mulher submissa» e ficando aí viver e a trabalhar até se resolver

³ Arquivo Distrital do Porto (ADP) – *Registos Paroquiais, freguesia da Sé (Porto)*, L.º 14-M: f. 24.

⁴ Arquivo Histórico Municipal do Porto (AHMP) – *Bairro Oriental: termos de responsabilidade (1854-1866)*, mç. 8, não paginado.

a estabelecer por sua conta e risco com a conveniência dos «amantes de letra», relacionamentos pontuais mais materiais do que propriamente sentimentais, que a auxiliariam financeiramente e sustentavam as despesas e os luxos do dia a dia. Deste modo, de acordo com os escritos coevos, ser-lhe-ia possível trajar com alguma elegância, pentear-se à última moda, adornar-se com fitas e joias, fumar charuto ou cigarro e ceder aos prazeres da boa mesa e do álcool, tornando-se sobejamente conhecida pela cidade entre as outras meretrizes.

Evidentemente, em nome dos bons costumes e do pudor, o quotidiano destas mulheres-públicas no espaço portuense era rigorosamente vigiado e controlado, sobretudo no respeito pelos regulamentos sanitários que as obrigava a um certo confinamento⁵. Por exemplo, para poderem frequentar os jardins públicos e os teatros ou fixarem residência em determinados locais da urbe, viam-se constrangidas a assinar um termo de fiança comprometendo-se a manter a modéstia no vestir e a discrição no comportamento fora de portas⁶. O certo é que os registos das vivências de Henriqueta encontram-se centrados na freguesia da Sé, considerado o «bairro aristocrático»⁷ da prostituição, sendo várias as moradas referenciadas pelas suas ruas e vielas em que foi fixando residência. Tal como o facto declarado que era irmã da vizinha *Ordem de Nossa Senhora do Terço e Caridade*, sito na antiga porta de Cimo de Vila, a troco do pagamento de uma quota para beneficiar de cuidados médicos, de assistência pública e dos rituais fúnebres com enterramento no seu cemitério privativo⁸.

Foi no hospital dessa irmandade que faleceu vítima de tísica, a 28 de outubro de 1867, uma rapariga solteira chamada Teresa Maria, de 22 anos e residente na rua de Entreparedes, sepultada no referido cemitério dentro do perímetro do Prado do Repouso⁹. O acontecimento passaria despercebido, não fosse Henriqueta ter apresentado um requerimento para a compra de um terreno para jazigo perpétuo no espaço público do mesmo, no verão seguinte, ratificada pela vereação a sua aquisição e construção em 21 de outubro de 1868¹⁰. Passado uma semana, uma outra instância à autoridade diocesana solicitava a trasladação da defunta «Thereza Maria de Jesus, sua familiar»¹¹ para o novo túmulo, em caixão de chumbo, que prontamente foi autorizado. Na ocasião antes de se fechar o féretro, alegando querer despedir-se da defunta, Henriqueta pediu aos empregados alguns momentos a sós e com uma navalha de barba cortou a cabeça de Teresa, escondendo-a num lenço e num saco que levou consigo para a casa alugada na rua do Heroísmo.

⁵ Entre eles, o *Regulamento Sanitário das Meretrizes do Porto* (1853 e reformulado em 1856), o *Regulamento Policial e Sanitário das meretrizes do concelho do Porto e do de Villa Nova de Gaya* (1860) e o *Regulamento de Policia das Toleradas no Districto do Porto* (1868).

⁶ *Regulamento Policial e Sanitário das meretrizes do concelho do Porto e do de Vila Nova de Gaia*, 1860.

⁷ AZEVEDO, 1864: 38.

⁸ De novo se colocam as dificuldades no acesso a este tipo de fontes primárias, visto a referida irmandade não dispor no seu arquivo privativo do respetivo *Livro de Registo de Irmãos* para o período convencionado.

⁹ AHMP – *Cemitério do Prado do Repouso: enterramentos dos adultos*, L.º 5: f. 375v.

¹⁰ AHMP – *Termos de Concessão de Jazigos nos Cemitérios Municipais*, L.º 1: f. 21.

¹¹ AHMP – *Documentos originais avulsos*, L.º 6: f. 178.

O episódio macabro ganharia novos contornos de impiedade, uma vez que desejando conservar esse despojo, decidiu limpar o crânio em água a ferver e encerrá-lo numa urna de pau-preto, ao estilo de um sacrário, onde o depositou envolto em rendas. Sem o procurar esconder dos olhares dos visitantes, colocou-o numa cómoda da sala com uma lamparina de azeite junto a um pequeno oratório, aí prestando a sua reverência e adoração à amiga¹². O avolumar do falatório e dos boatos pela cidade sobre tão caricata situação incitou o administrador do bairro oriental a proceder a buscas em casa de Henriqueta, estando em causa o crime de profanação de cadáver, sendo-lhe dada ordem de prisão e remetida para o juízo criminal do 1.º distrito, a 8 de março de 1869.

Em todos os periódicos portuenses a notícia sensacionalista fez a manchete nos números dessa semana e, até ao final desse mês, os jornalistas revelavam o caso com todos os pormenores sórdidos e as possíveis razões do sucedido, mas só um explorou abertamente a dimensão íntima entre as duas mulheres:

*Existe n'esta cidade uma bem conhecida rameira, chamada Henriqueta, exquisita em todo o seu viver; ha mezes, que tinha engajado para a sua companhia uma outra rapariga de quem se mostrava intima amiga, trazendo-a com todo o aceio, e esmerando-se em fazer-lhe todas as vontades. Esta rapariga morreu; sendo-lhe por aquella feito um bom enterro*¹³.

A acusada confessou abertamente o delito, mas procurou ludibriar os agentes policiais declarando que não agira sozinha ao ter oferecido 1\$300 réis a um dos coveiros para amputar os restos mortais da amiga. Após algumas dificuldades em conseguir um fiador, em pouco mais de 48 horas acabaria por ser libertada, enquanto o processo judicial seguiu os trâmites legais para apuramento das circunstâncias¹⁴. Neste âmbito, o reverendo capelão diretor do Prado do Repouso emitiu um comunicado para os jornais, com a data de 10 de março, alegando que ele e os funcionários do cemitério tinham agido de boa-fé e sem noção das intenções de Henriqueta Emília da Conceição, secundado pelas declarações pelo vereador municipal responsável de que os empregados encontravam-se plenamente inocentes¹⁵.

Supostamente, cumpridos os autos e as diligências formais, o caso não terá chegado a ser julgado em tribunal e acabaria arquivado, a crer numa singular nota camarária: «Deo se n'esta transferencia o desacato de Henriqueta levar para sua caza a caveira de Thereza, facto que não foi por profanação mas sim por dedicação por aquella familiar»¹⁶.

¹² MOUTINHO, 1909: 139.

¹³ *O Braz Tisana* (10.03.1869): 2.

¹⁴ Desconhecendo-se o destino dado à caveira confiscada de Teresa Maria de Jesus, talvez ela tenha sido resposta no seu caixão, em finais desse mês de março, aquando das investigações forenses levadas a cabo no cemitério do Prado do Repouso.

¹⁵ AHMP – *Acta da vereação de 11 de março de 1869*: f. 116v-117v.

¹⁶ Em consultas no Museu Judiciário do Tribunal da Relação do Porto, que comporta a gestão do arquivo da instituição, não foi encontrando nenhum processo judicial em nome da acusada, o mesmo se sucedendo na total ausência de notícias na imprensa periódica sobre o prosseguimento deste caso até ao final desse ano. AHMP – *Índice Documentos Originais*: f. 77.

Por detrás da decisão poderá ter estado a interferência superior de alguns conhecidos e amigos, já que logo no dia a seguir ao escândalo da sua prisão, ela fora também intimada a restituir um cão de raça terra-nova à família do já citado visconde de Gouveia. Ora, se alguns periódicos dizem que o mesmo pertencia ao seu filho e outros ao próprio visconde, poderá ter este na qualidade de juiz do Tribunal da Relação do Porto movido influências para que o processo fosse considerado inócuo por motivos de compaixão?!

Excluído de todo seria anunciar a eventual relação amorosa entre as duas mulheres como justificação do crime, não só porque a homossexualidade era punida pelo código civil em vigor, como era uma afronta aos padrões mentais tanto do ponto de vista religioso como social. Inclusive, até no seio da classe das prostitutas: «nas casas de tolerância as companheiras abominam-nas e as patroas despedem-nas logo que d'isso tenham conhecimento»¹⁷. Não obstante, o safismo era uma realidade omnipresente e silenciada nesse contexto, resultante de uma conjuntura algo propiciadora: a desconfiança e aversão pelos homens que somente as procuravam pelo sexo, o convívio próximo com outras mulheres em situação idêntica, a transposição das suas carências afetivas para alguém que as compreenderia e ampararia incondicionalmente, etc.

Importante será também refutar essa percepção generalizada de uma vida despreocupada e leviana que se associa às toleradas, em contraciclo aos casos mais famosos de algumas cortesãs que perduraram¹⁸. A maioria viveria com algumas dificuldades económicas e teria de recorrer a outras atividades lícitas ou até ilícitas para complementar os seus ganhos. As despesas com alugueres de casas, contas domésticas e etiquetas do visual consumiam parte substancial dos seus recursos, muitas não resistiam até sem o frequente recurso ao prego e à usura, potencializando a pobreza e a miséria quando os encantos da idade se desvaneciam... Colocamos, portanto, algumas reservas se Henriqueta terá tido a vida desafogada de uma cortesã que se lhe atribuiu *a posteriori*: vivendo em palacetes com os amantes, servida por criados, passeando-se em vistosas charretes, acolhida e convivendo com a mais fina flor da sociedade portuense¹⁹.

Outros trechos biográficos dão azo a uma faceta de criminosa, calculista e exploradora do sexo forte, nomeadamente dos «brasileiros» de passagem pelo burgo. Uma nota de rodapé em Duarte Júnior narra o esquema com um desses homens vindo do Mato Grosso, com o qual se cruzando no jardim de S. Lázaro, fez-se passar por uma viúva respeitosa e cândida, anuindo aos seus galanteios e a uma paixão arrebatadora para se deitar com ele²⁰. Findo o engate em poucas horas e depois de lhe ter roubado à socapa algum dinheiro da carteira, prestando informações falsas e ameaçando-o por difamação, conseguiu que a queixa fosse retirada e colher um pedido de desculpas públicas! De resto, o seu único obituário conhecido oferece paralelismos com esta outra visão de marginalidade:

¹⁷ VIEIRA, 1892: 42.

¹⁸ Vd. GRIFFIN, 2001.

¹⁹ MOREIRA, 1965: 19-24.

²⁰ DUARTE JUNIOR, 1877: 183-189.

Acaba de fallecer victima d'uma phytisica a tristemente celebre Henriqueta, mui conhecida aqui e em Lisboa por suas façanhas na estrada da perdição e do roubo. Era hermaphrodita e foi durante muitos annos o terror das familias, no seio d'algumas das quaes se introduzia, em trajos masculinos, com uma habilidade e astucia extrema. Commetteu varios roubos graças á arte d'empalmação, em que era mestra consummada. Era destemida e intrepida. Chegou a capitanear uma pequena quadrilha de salteadores que infestaram por algum tempo os arredores da cidade. Atravessava muitas vezes as ruas do Porto, a cavallo, vestida d'homem, em pleno dia, sem que o olho mais fino d'um policemem a reconhecesse. Era, finalmente, uma mulher terrivel, cheia de crimes, mas de que se salvava sempre mysteriosamente²¹.

Ressalve-se que a designação de «hermaphrodita» é bastante dúbia no conceito oitocentista, literalmente não corresponde à noção atual, nem terá necessariamente o valor de realçar uma orientação sexual divergente. Aqui julgamos que a sua escolha poderá ser também um eufemismo da tendência masculinizante do seu porte e carácter, o que certamente pouco atesta a sua dita fama de beleza física, mais no sentido de procurar através desse figurino uma liberdade de movimentos ou até de asserção no mundo do crime, que quase sempre era negada aos elementos do seu género. Todavia, novamente, não se encontram fontes documentais que tal o possam comprovar. A única menção é a uma segunda detenção policial, na noite de 4 de fevereiro de 1871, na companhia de outra meretriz, Amélia Bandeira, por desacatos com dois marinheiros ingleses no largo da Ramadinha, ambas libertadas após admoestação na manhã seguinte²².

Aos 29 anos de idade, adoentada e sobrevivendo de esmolas, na tarde de 2 de novembro de 1874, Henriqueta Emília da Conceição e Sousa faleceu na pobreza extrema numa casa da Rua de Camões, sem qualquer indicação de ascendentes ou familiares no assento canónico²³. A causa oficial de morte foi atribuída à tísica pulmonar ou tuberculose, uma das principais enfermidades entre as prostitutas, derivada de um estilo de vida desregrado e das triviais infeções respiratórias fruto dos resfriados, do álcool e da penúria que tantas enfrentavam numa longevidade limitada²⁴. Para os seus pretensos biógrafos, o motivo teria sido mais idílico: o desgosto amoroso e a depressão psíquica pela perda de Teresa Maria, o seu único e verdadeiro amor... No dia seguinte, o seu cadáver foi amortalhado e sepultado numa campa rasa do cemitério privativo da Ordem do Terço no Prado do Repouso²⁵, a escassos metros do jazigo perpétuo que lhe pertencia, sem haver posses para se comprar um caixão de chumbo de modo a aí poder repousar para a eternidade, como seria de sua última e íntima vontade...

²¹ MORTE d'uma heroina no crime. «O Porto: folha oferecida ao Partido Liberal» (03.11.1874): 2.

²² AHMP – *Bairro Oriental: registo policial (1870-1873)*: f. 2.

²³ ADP – *Registos Paroquiais, freguesia de Santo Ildefonso (Porto)*, L.º 38-Ób: f. 83v.

²⁴ Não obstante as doenças venéreas como a sífilis serem uma das enfermidades mais comuns registadas entre as toleradas oitocentistas, existia já uma clara compreensão por parte dos clínicos da relação desta condição particular com a mortalidade por infeções oportunistas associadas. Igualmente, os meios e modos de vida destas mulheres eram avaliados como altamente perniciosos para a sua saúde: «São principalmente a tuberculose, o alcoolismo e a syphilis que dizimam um grande numero d'estas mulheres». (VIEIRA, 1892: 63).

²⁵ AHMP – *Cemitério do Prado do Repouso: registo de enterramentos effectuados nos cemiterios privativos das diversas Ordens e Irmandades*: f. 23.

2. HENRIQUETA EMÍLIA DA CONCEIÇÃO: A PERSONAGEM LITERÁRIA

Em 1877, o editor Coelho Ferreira trouxe à luz do dia um romance original de A. J. Duarte Júnior – *Henriqueta ou uma heroína do século XIX*, baseado nessa história de vida verídica e coeva ao tipógrafo d’O *Comércio do Porto*. Quis o infortúnio que o seu autor não conseguisse corrigir e limar o manuscrito que saiu da sua pena, tendo falecido no ano precedente, tarefa que coube posteriormente a Diogo de Macedo de edição de um retrato pungente da prostituição no século XIX, a partir da figura extravagante de Henriqueta Emília da Conceição e Sousa. Pelo que depressa se tornou alvo da crítica contundente da imprensa da época:

[...] o livro em questão recomenda-se, não pelo vigor do estylo nem pelas pompas da linguagem, mas pelo retrato, alias muito infiel, do typo popularíssimo da mulher que por tantos annos espantou o paiz com a desenvoltura a que se entregava. Monstruosa aberração do seu sexo, Henriqueta fornecia assumpto para um livro interessantíssimo se os apontamentos da sua existência trabalhada cahissem nas officinas de Camillo Castello Branco [...] Ainda assim o seu livro será lido com agrado por aquelles que procuram no romance o simples deleite da leitura. O estudioso debalde procurará pagina que o satisfaça; [...] uma serie de capitulos mais ou menos acceitaveis, escriptos em portuguez semi-barbaro á franceza e sem aquelle cunho de certeza e facilidade que caracteriza os artistas superiores²⁶.

Embora eivado de algumas gralhas, de imprecisões temporais e de uma trama nem sempre alcançada para a unidade da ação e das personagens, há uma preocupação do autor em arquitetar o texto tendo por base documentação verídica²⁷. A estrutura formal compreende um total de vinte capítulos, acrescido de uma introdução de teor biográfico sobre a «heroína» e um epílogo final, ao longo dos quais e pelo olhar moralista e exterior do narrador onisciente, percorremos com os protagonistas galerias e avenidas centrais da cidade do Porto. Penetramos no interior de lugares comuns, pequenos quadros pintados com a intensa vida social:

Estamos na estação de banhos, e uma parte da boa sociedade do Porto já se estadeia alegre, festiva, cheia de vida, por aquella praia de S. João da Foz do Douro, tão encantadora, mais sedutora do que nenhuma outra praia, n’esta quadra em que a beiramar offerece todos os regalos á vida. Como é sabido, não ha praia onde se não estabeleçam e abram de par em par bancas de jogo para entretenimento dos espíritos nocturnos²⁸.

De entre o leque de personagens com que nos vamos cruzando à medida que o enredo se vai desenrolando, apenas podemos atestar, recorrendo para o efeito a testemu-

²⁶ CARVALHAES, 1877: 95.

²⁷ Note-se que o autor, pela sua atividade profissional na cidade do Porto, acumulada com a de correspondente do *Jornal do Commercio* de Lisboa, detinha um conhecimento privilegiado sobre os acontecimentos envolvendo a polémica em torno da meretriz Henriqueta. Um exemplo será a alusão a uma carta facultada por um empregado da polícia acerca de factos da vida da mesma, na qual se baseou em parte para a urdidura deste romance. Cf. nota 20.

²⁸ DUARTE JÚNIOR, 1877: 145.

nhos documentais da época, que exclusivamente o nome e alguns feitos de Henriqueta são realmente fidedignos. Já o da mulher com quem ficaria associada para a posterioridade é referenciado como sendo de Etelvina, ocultando assim o real nome de Teresa Maria, sobejamente conhecido após o alvoroço em torno da profanação do seu corpo. Entre os restantes não foi possível estabelecer qualquer correspondência histórica com figuras cidadinas desse tempo. Mas vejamos como nos são apresentadas estas personagens e qual a sua evolução no romance.

A figura central do drama é Henriqueta Emília da Conceição, conhecida meretriz no meio portuense pelas suas excentricidades e, sobretudo, pela audácia com que se apresentava, quer em lugares mais públicos, quer a qualquer hora do dia ou da noite, envergando trajas masculinos e fumando charutos da melhor marca:

Henriqueta, montada em ligeiro cavallo, descia a Feira de S. Bento e entrava na rua das Flores, ao bater da meia noite na torre dos Clérigos. Apesar da claridade, o seu vestuário não denunciava o sexo a que ella pertencia, tal era o cuidado com que se disfarçara. Saboreava a nossa heroína, um bello charuto de Havana, e d'elle absorvia longas espiraes de fumo²⁹.

Caracterizada como uma astuta e inteligente rapariga de 20 anos, gravitando livremente de um polo ao outro da cidade, com os seus modos requintados e sedutores, insinuava-se junto dos círculos sociais mais influentes e pela generosidade da sua bolsa conquistava o respeito e a gratidão dos marginais. Aliás, reunia em casa todos os larápios que desejassem associar-se à sua «quadrilha sacramental», cujo intento era defraudar os mais ricos da sociedade, assumindo o comando de um bando de dez larápios: «zé corriola», «porta de ferro», «laranja azeda», «unha de preto», «casca verde», «pevide de melão», «língua de trapos», «dente podre», «perna de mosca» e «grilo-rei».

Para tal, contava com a ajuda de Berta, sua criada e uma fiel executora de todas as suas ordens, uma velha de meia-idade vinda da província sob subterfúgios pessoais e que Henriqueta tomara ao seu serviço. Era ela quem disciplinava o ambiente doméstico e ministrava os melhores conselhos aos gatunos, indicando-lhes como se deveriam organizar para roubar, compactuando com todos os desejos da patroa de forma voluntariosa e igualmente ardilosa. Todos eles encontram-se interligados, grosso modo, a um dos eventos centrais da narrativa envolvendo as pretensões de D. António de Souto Bizarro, proprietário do solar das Cinco Donas na vila de Melgaço, fascinado pela beleza de Emília Aguiar de Mendonça.

No entanto, após a declaração da sua paixão, a jovem protestou a sua indiferença consagrada que estava ao amor de seus pais, tendo prometido que jamais os abandonaria enquanto fossem vivos. Sem outra alternativa digna, o fidalgo cogitou um plano para o seu rapto e o matrimónio forçado, recorrendo a Henriqueta para concretização do «negócio» por três mil cruzados. Fazendo passar-se por uma respeitável viúva portuense em peregrinação religiosa, depois de se tornar visita frequente na quinta dos Mendonça

²⁹ DUARTE JÚNIOR, 1877: 26.

e conquistando a confiança de Emília, sequestrou-a num passeio noturno com a ajuda dos companheiros, logo movendo a família todos os esforços para a recuperar.

Mas o que realmente mais notabilizou Henriqueta e que constitui o vetor central do romance, o cunho biográfico da «pecadora» como é repetidamente apelidada ao longo das páginas, foi a sua relação com Etelvina, uma pobre costureira de 18 anos e único sustento de seus pais:

*Se, por um lado, Deus favorecera Etelvina com uma formosura rara, se lhe concedera um coração nobre e uma alma verdadeiramente sentimental, por outro, aremessára-a á miseria, ensinára-a a lutar com as privações mais horríveis da vida e internára-lhe no peito uma profunda mágoa, e uma lenta agonia que jámais poderia extinguir-se. Etelvina é um anjo; e é dado aos anjos luctarem com a fome, com o frio e com a miseria?*³⁰

Entre as duas germina uma estranha amizade, na qual se comprometem a entregar-se em corpo e alma, pressionando-a Henriqueta para consigo fugir com promessas de uma vida de luxos e abundância, longe do infortúnio em que vivia. Depois de algumas resistências e ignorando os apelos de Isidro e Eufrásia, que anteveem em sonhos a desgraça da filha, Etelvina abandona o lar para se esconder numa casa na Praça das Flores junto da protagonista:

*Dizia o mundo que a peccadora era hermafrodita. Nega a sciencia que semilhantes monstros existam na espécie humana; no entanto a observação parece demonstrar o contrario. Como quer que seja, o certo é que Henriqueta sentia por Etelvina o que quer que fosse de extranho; adorava-a; cercava-a dos carinhos de que um amante estremoso cerca a mulher dos seus pensamentos; contemplava-a com indizível ternura; rodeava-a dos mais sollicitos cuidados; e parecia afflicta, indisposta, incommodada, se um homem qualquer fitava o objecto de seu amor com equívoca attenção*³¹.

O leitor é assim confrontado com uma dualidade de sentimentos. Por um lado, a inocência e o desespero de Etelvina, por outro a arrogância e sentimento de posse de Henriqueta. No fundo, Etelvina passou a ser o exemplo de mulher-objeto, mas sem que nesses primeiros tempos os auspícios ansiados se tenham materializado. Não só passa a viver quase como uma reclusa sempre vigiada por Berta, como a sua virgindade é vendida por Henriqueta a João Pereira Gomes, um «brasileiro» de meia-idade³², sem qualquer tipo de pudor ou escrúpulo pela avultada maquia de 10 contos:

Henriqueta tinha preparado tudo para a boa execução da sua obra. O vinho que Etelvina bebera durante o jantar, e o fumo do charuto não podiam produzir outro estado no animo da jovem [...] A victima estava fria e immovel com a cabeça no peito. Que restava, pois?

³⁰ DUARTE JÚNIOR, 1877: 27-28.

³¹ DUARTE JÚNIOR, 1877: 173.

³² Esta personagem deverá ter sido inspirada no caso reportado pela autoridade policial entre Henriqueta e o «brasileiro» do Mato Grosso, ainda que seja descrito como um portuense que regressara havia poucos meses do Rio de Janeiro com uma considerável fortuna.

– *Cumpramos o nosso contracto – disse Henrique resolutamente. [...] E fez signal a João Gomes para entrar no quarto onde a joven estava prostrada. [...]*
– *Grande Deus! – exclamou Etelvina com um grito angustioso. E tudo voltou ao mesmo silencio*³³.

De menina angelical a mulher boémia foi um simples passo, a jovem converte-se em instrumento de todos os caprichos de Henriqueta, bastava um simples relançar de olhos para satisfazer todas as veleidades da «pecadora», passando a imitá-la nas indumentárias masculinas, nas mesas dos «jogos do azar» e nas aventuras e loucuras típicas de mulher-pública. Foi neste estado de «completa embriaguez do espírito, de completa loucura da imaginação»³⁴, que Isidro encontra a filha foragida, após intercessão do rico Júlio Morais que passara a amparar a pobre família e tudo fizera para a descobrir pelo burgo. O reencontro emotivo entre pai e filha vem acentuar o sentimento de angústia e de culpa de Etelvina, que em vão vê negado o pedido de perdão, porém, sem querer quebrar o pacto que as unia!

Em poucos meses, a tísica arrebatava-a do mundo dos vivos, somente atormentada por esse arrependimento do desgosto familiar. É aqui que se dá a mudança de personalidade de Henriqueta e o clímax do enredo. A perda da mulher a quem se dedicou profundamente causou-lhe um desgosto profundo, os seus passos conduzem-na frequentemente ao cemitério do Prado do Repouso junto do túmulo da infeliz amiga, a ponto de perder a alegria de viver:

– *O fastio mata-me. Tudo me aborrece; não sei ao que hei-de pedir um instante de distração; falta-me o que quer que seja; não me dirás como devo esta doença moral, peor mil vezes do que a phthysica? E soltou uns uivos funéreos como piar de ave nocturna. É que a assalteara de súbito a lembrança da amiga morta*³⁵.

É, então, que no seu espírito engendra um funesto plano, o de cortar a cabeça ao cadáver de Etelvina, pedido recusado por todos os elementos da sua «quadrilha sacramental» e que decide tomar por suas mãos, levando o despojo para sua casa onde coloca numa redoma de vidro. Descoberto o caso pela polícia e apartada da macabra lembrança, a protagonista abjura do seu anterior modelo de vida e em processo crescendo humaniza-se, deixa-se possuir pelo sentimento de dor, do sofrimento nunca antes experimentado, pela pungente nostalgia. A sua fortuna esvai-se e apresenta os primeiros sinais da mesma enfermidade mortal, cercada por Eduardo de Mendonça que a pretende matar por vingança à filha Emília, fuge com Berta para «tomar ares» em Braga.

Irremediavelmente perdida para a tísica, regressa ao Porto para se instalar numa insalubre casa da rua da Saudade, ainda acossada pelos homens de Mendonça, para num

³³ DUARTE JÚNIOR, 1877: 127.

³⁴ DUARTE JÚNIOR, 1877: 158.

³⁵ DUARTE JÚNIOR, 1877: 173-174.

momento de agonia profunda morrer «salva pelo arrependimento e pela dor»³⁶ na presença de um padre. Com a morte, Henriqueta liberta-se da dor, da angústia, da culpa, da penumbra em que vivia e com ela liberta simultaneamente todos os que agrilhoava consigo: Berta passou a viver num recolhimento de caridade e a quadrilha dissolveu-se em caminhos individuais. Henriqueta e Etelvina para sempre jazem apartadas no Prado do Repouso.

A personagem literária de Henriqueta surge, portanto, aos olhos do leitor, como sujeito trágico, com contornos aristotélicos, dotado não só de singularidade, mas rodeado simultaneamente de infortúnios, que experimenta a felicidade para provar o fel do fracasso. Paradoxalmente, o romance não segue uma diretriz biográfica como o título nos poderia levar a supor, a ficção impõe-se mormente à realidade, considerando os parcos rumos da personagem histórica. Nem mesmo a grande cena que chocaria os leitores da época – a degolação da defunta Etelvina – foi convenientemente explorada perante os factos anunciados na imprensa periódica da época. A temática do «horror» desse lado macabro da narrativa, claramente associado à paixão, ao fascínio e enlevo dos sentidos, fora até já retratado em romances como a *Estrela Brilhante* de Eduardo Faria (1845), *A Freira do Subterrâneo* de Camilo (1872), talvez até mais chocante que o célebre *The Monk* de Matthew Gregory Lewis (1796), traduzido para língua portuguesa em 1861.

O enredo de Duarte Júnior foi o mote de inspiração para o drama teatral *Henriqueta: a aventureira* de Augusto Garraio (1879) e parte do romance *Os Mistérios do Porto* de Gervásio Lobato (1891), onde a figura de Julieta parece radicar na matriz da célebre prostituta portuense, os quais mantiveram em largos traços a essência das situações e dos intervenientes com acrescentos que pouco abonam em prol da verdade. Em finais do século XX, Mário Cláudio trasladou finalmente para *Henriqueta Emília da Conceição* (1997), peça em três atos de um amor trágico e violento em tonalidade melodramática, o destaque olvidado à relação interpessoal e amorosa entre as meretrizes Henriqueta e Teresa, que quiseram aproximar-se da vida e da razão permitida aos outros.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Henriqueta Emília da Conceição e Sousa encarnou, em vida e na morte, uma série de qualificativos sobre a sua personalidade e conduta que discorrem em plena dualidade entre os enunciados pela História e os idealizados pela Literatura. A história de vida de uma meretriz sobejamente famosa no seu tempo não ficou incólume às pretensões literárias de inflamar alguns desses episódios biográficos, realçando as divergências entre a realidade e o mito, tal como se verifica no exemplo análogo de Maria Severa, onde a ficção sobrepõe-se aos escassos elementos concretos conhecidos. Talvez tenha partido da sua própria vontade resguardar certos aspetos da sua vida pessoal e familiar, como era natural entre as prostitutas para se protegerem dos olhares condenadores da sociedade, mas a

36 DUARTE JÚNIOR, 1877: 219.

mácula do seu principal crime e das incursões pelo submundo do crime e do sexo deram-lhe um reconhecimento e prestígio que a metamorfosearam em mito popular. Assim, compreendem-se todas as muitas interpretações e confusões que se geraram e, ainda hoje, alimentam o mistério da sua existência.

A figura histórica de Henriqueta, de uma mulher nascida e criada num contexto de pauperismo, prostituição e delinquência, os quais abraça sem rodeios, parece quase ir ao encontro do postulado behaviorista da prevalência do meio ambiente na formação do seu carácter. Tal poderá ter fundamento em alguns detalhes, comparando com o perfil típico da meretriz tolerada no Porto oitocentista: jovens solteiras de classes humildes, naturais da cidade e iletradas, exercendo profissões servis até se prostituírem por carências económicas ou variadas razões de índole particular³⁷. Contudo, a exiguidade de fontes documentais para a análise da prostituição no Porto do século XIX significa que muitos dos aspetos envolvendo a sua vida ficarão por descortinar. Quer ao nível das suas relações sociais com os diferentes estratos dos mais ricos aos mais humildes da sociedade portuense, a crer nos registos noticiosos, também com os da capital de forma autónoma ou na companhia de amantes em viagens de negócios ou de lazer, quer ao nível da sua conduta privada e pública entre os imperativos profissionais e a eventual incursão plenamente consciente pela criminalidade. Afinal, ela teria caído no esquecimento como tantas outras toleradas não fosse ter enveredado por extremos de uma visibilidade pública sem precedentes, sobretudo no estranho caso com Teresa, que se afigura como o de um verdadeiro e proibido relacionamento amoroso pelas muitas diligências fúnebres que tomou para preservar a sua memória.

Já a Henriqueta enquanto figura literária assume-se como uma criação fantasiosa do espírito romântico, perante a articulação muito contraditória dessas notas biográficas que adulteram a realidade, o protótipo da prostituta sedutora e habilidosa que se serve dos seus dotes para ludibriar, roubar, minimizar as suas presas pela fraqueza e incapacidade de autocontrolo. Ela é nada mais, nada menos do que o espelho das hipocrisias humanas, da dissolução dos costumes, da devassidão e das frivolidades mundanas, num mundo claramente impregnado de valores desvirtuados. Sem grandes objetivos de vida além da fortuna e do luxo, as suas convicções sofrem uma reviravolta quando conhece Etelvina/Teresa. Encontra a compaixão, a generosidade e o amor, transportando o leitor quando nada o previa, de um ambiente de solidão e ausência de valores, para a ternura e grandeza do amor: um amor eivado pela obsessão, resultando posteriormente na profanação do cadáver da mulher que afinal amava.

Inegavelmente peculiar é, passado quase século e meio, a memória de Henriqueta Emília da Conceição e Sousa se ter transmutado em património material da cidade do Porto. No cemitério do Prado do Repouso, o jazigo por ela mandado construir como sua última morada, com o n.º 177 na 33.ª secção e onde apenas Teresa foi enterrada, consta como um dos escolhidos do roteiro turístico que recebe os visitantes³⁸. A estátua

³⁷ Vd. ALVES & ARAÚJO, 2014.

³⁸ QUEIROZ, 2006-2007: 515.

de S. Francisco que o guarda, tornou-se em local de devoção religiosa, sempre enfeitado com flores e velas, surpreendente paradigma da passagem do profano ao sagrado, que não deixam de honrar tão trágica história de amor que a maioria dos portuenses desconhece.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, João Ferreira, trad. (1984) – *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Sacramento*. Lisboa: Sociedade Bíblica.
- ALVES, Luís Alberto; ARAÚJO, Francisco Miguel (2014) – *Prostituição no Porto (dito) Romântico*. «II Congresso O Porto Romântico: atas». Porto: CITAR [em publicação].
- BARBOSA, Susana (2011) – *As toleradas de Penafiel (1915-1933): do invisível ao visível – de meretriz a tolerada*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de mestrado.
- COELHO, Eva; MARTINS, Roberto (2008) – *As toleradas da Póvoa de Varzim (1871-1950)*. Póvoa de Varzim: ed. de autor.
- CLÁUDIO, Mário (1997) – *Henriqueta Emília da Conceição*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Autores/Publicações Dom Quixote.
- COSTA, Júlio de Sousa e (1936) – *Maria Severa Onofriana: 1820-1846*. Lisboa: Bertrand.
- DANTAS, Júlio (1901) – *A Severa: romance original*. Lisboa: Francisco Pastor.
- FONSECA, Ângelo (1902) – *Da Prostituição em Portugal*. Lisboa: Typ. Occidental.
- GARRAIO, Augusto (1879) – *Henriqueta: a aventureira (drama em 5 actos)*. Porto: J. E. da Cruz Coutinho.
- GRIFFIN, Susan (2001) – *The book of the courtesans: a catalogue of their virtues (2001)*. Nova Iorque: Broadway Books.
- LIBERATO, Maria Isabel (1999) – *Discursos, práticas e políticas prostitucionais em Portugal (1841-1926)*. Lisboa: Instituto de Ciências do Trabalho e da Empresa. Tese de mestrado.
- LOBATO, Gervásio (1891) – *Os Misterios do Porto: romance*. Porto: Empresa Litteraria, 5 vols.
- MATTOSO, José, dir. (2011) – *História da Vida Privada em Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 4 vols.
- PAIS, José Machado (2008) – *A prostituição e a Lisboa boémia: do século XIX a inícios do século XX*. Porto: Âmbar.
- PESSOA, Alfredo de Amorim (1887) – *História da Prostituição em Portugal desde os tempos mais remotos da Lusitânia até aos nossos dias*. Lisboa: Empresa Editora de Francisco Pastor.
- QUEIROZ, J. F. Ferreira (2006-2007) – *A encomenda de monumentos sepulcrais no período Romântico e o papel da mulher na construção da memória familiar*. «Revista da Faculdade de Letras – Ciências e Técnicas do Património», I série, vol. V-VI. Porto: FLUP, p. 509-525.
- ROBERTS, Nickie (1992) – *Whores in History: Prostitution in Western Society*. Nova Iorque: HarperCollins.
- ROCHA, Maria Teresa da (1996) – *As Toleradas em Vila Real nos finais do séc. XIX*. Porto: FLUP. Tese de mestrado.
- VAQUINHAS, Irene (2002) – *Linhas de investigação para a história das mulheres nos séculos XIX e XX. Breve esboço*. «Revista da Faculdade de Letras – História», III série, vol. III. Porto: FLUP, p. 201-221.

FONTES IMPRESSAS

- AZEVEDO, Francisco Pereira d' (1864) – *Historia da Prostituição e Policia Sanitaria no Porto*. Porto: typ. de Francisco Gomes da Fonseca.
- CARVALHAES, Alfredo (1877) – *Letras e Artes*. «Revista Litteraria do Porto», ano I, n.º XII, p. 95-96.
- DUARTE JÚNIOR, António Joaquim (1877) – *Henriqueta ou uma heroína do seculo XIX*. Porto: typ. de Coelho Ferreira.
- GOVERNO CIVIL DO PORTO (1860) – *Regulamento Policial e Sanitario das meretrizes do concelho do Porto e do de Villa Nova de Gaya*. Porto: typ. de C. Gandra.

MOREIRA, Alberto Marques [Marques do Rio Onda] (1965) – *Uma malfadada heroína portuense: Henriqueta*. «O Tripeiro», série VI, ano V, n.º 1, p. 19-24.

MOUTINHO, Júlio (1909) – *As sociedades dramáticas d'amadores – continuação*. «O Tripeiro», série I, ano I, n.º 27, p. 139-141.

VIEIRA, Jorge (1892) – *A Prostituição no Porto*. Porto: typ. de José da Silva Mendonça.

FONTES PERIÓDICAS

O Primeiro de Janeiro (1869-1874).

O Comércio do Porto (1869-1874).

O Direito: folha religiosa, política e noticiosa (1869).

O Nacional (1869).

Jornal do Porto (1869-1874).

O Braz Tisana (1869).

Diário Mercantil (1869).

Jornal da Tarde (1874).

O Porto: folha oferecida ao Partido Liberal (1874).

FONTES MANUSCRITAS

Arquivo Distrital do Porto (ADP)

Fundos Paroquiais da Sé e de Santo Ildefonso (1840-1874).

Arquivo Histórico Municipal do Porto (AHMP).

Bairro Oriental: registo policial (1866-1873).

Bairro Oriental: termos de responsabilidade (1861-1902).

Câmara Municipal do Porto: actas da vereação (1869).

Cemitério do Prado do Repouso: enterramentos dos adultos (1862-1869).

Cemitério do Prado do Repouso: registo de enterramentos effectuados nos cemiterios privativos das diversas Ordens e Irmandades (1869-1957).

Documentos originais avulsos (1868-1869).

Índice Documentos Originais (1843-1895).

Termos de Concessão de Jazigos nos Cemitérios Municipais (1867-1884).